| Entrevista | Woody Allen |
DIRETOR DE CINEMA E ESCRITOR

Woody Allen, fã de Machado

Agência Globo

Tratado como gênio nos cinemas, Woody Allen está se tornando best-seller nas livrarias. Endossada pelos mais severos críticos americanos, até os que implicam com seus filmes, a seleção de contos e crônicas Fora de Órbita (Mere Anarchy), *editada em português pela Agir, tem circulado pelo pódio dos livros mais vendidos aqui e no Exterior. Aos 72 anos, Allen se surpreende com o desempenho da coletânea, ainda mais ao saber de seu sucesso no Brasil, terra de um de seus autores favoritos: Machado de Assis. Aliás, até hoje é um mistério para o cineasta o gesto de uma fã brasileira, cujo nome ele diz não ter guardado, que fez chegar às suas mãos, via correio, um livro do Bruxo do Cosme Velho, que este ano completa seu centenário de morte. Nesta entrevista, Allen relembra essa história. Assim como, numa conversa de escritor, revela suas ambições e paixões literárias. Sobre cinema, além de falar de* O Sonho de Cassandra, *que lança aqui no dia 1º. de maio, ele esclarece a polêmica acerca de* Vicky Cristina Barcelona, *longa-metragem que rodou na Espanha com Javier Bardem e que, segundo a imprensa americana, está carregado de cenas de lesbianismo entre Scarlett Johansson e Penélope Cruz. Confira.*

Pergunta – *Fora de órbita* é sua primeira coletânea de humor com textos inéditos quase duas décadas após o cultuado livro *Cuca Fundida*. Por que demorou tanto?

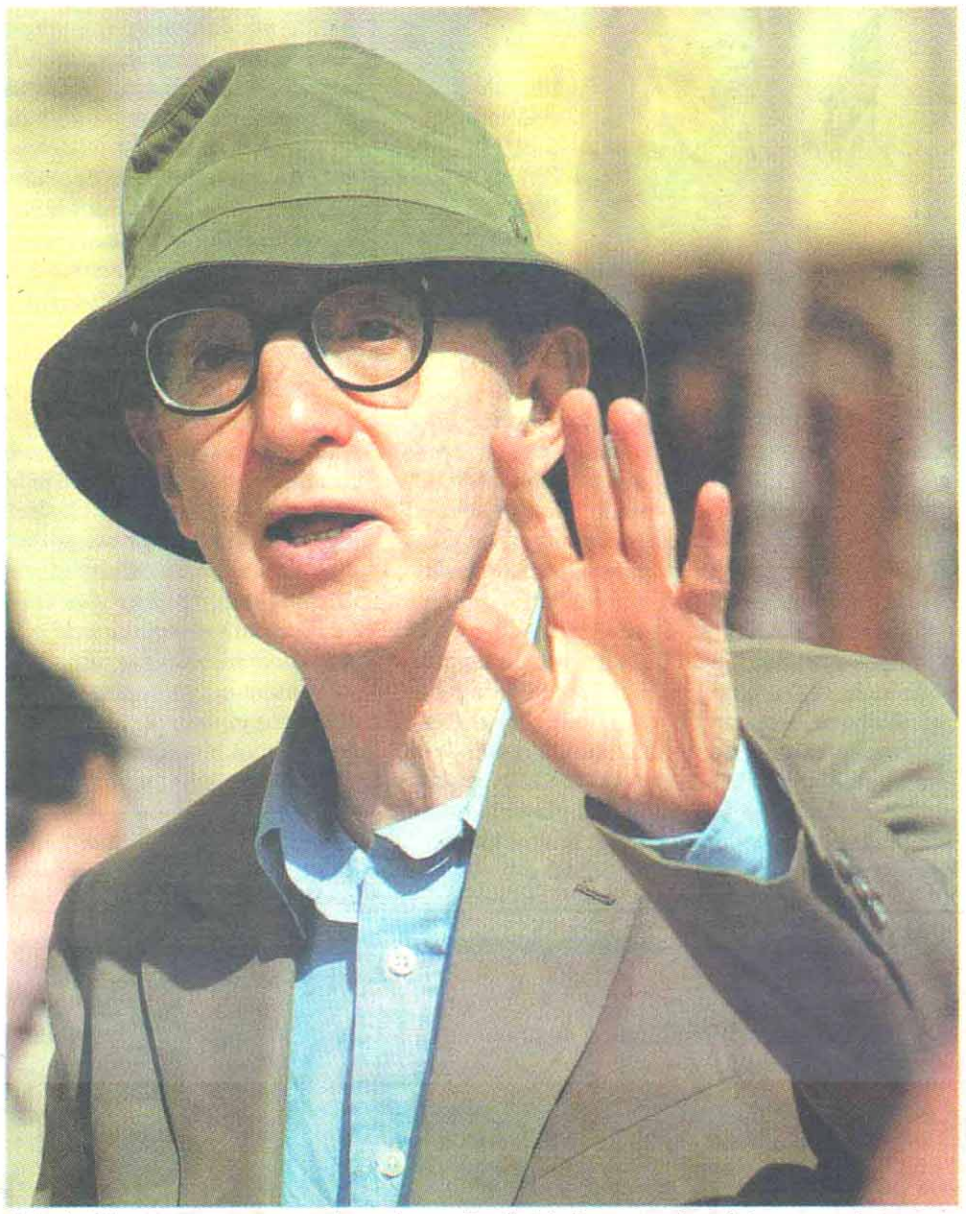
Woody Allen – Escrevi *Fora de Órbita* apenas com a pretensão de divertir pessoas. Há uma tradição literária cada vez mais obsoleta nos EUA: a prosa cômica. Hoje, os autores de comédia escrevem para a TV ou para o cinema, mas não publicam livros. Há pouco livros de humor no mercado, e o público deles também é reduzido. Mas eu sou fã desse gênero, que exige idéias especiais. A maioria das minhas idéias é para filmes. Mas, quando tenho alguma especial, eu a expresso em prosa.

Pergunta – Seu livro chegou ao Brasil no momento em que relembramos o centenário de morte de Machado de Assis (1839 – 1908), de quem o senhor é fã. Como descobriu a literatura de Machado?

Allen – Uma brasileira que eu nunca conheci mandou uma edição em inglês de Machado, por correio, para o meu escritório, em Nova York. Na carta, dizia que eu me interessaria pelo estilo dele. Não guardo títulos de livros, mas era uma obra-prima. Era um livro sobre um defunto que revê seus feitos (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*). A literatura de Machado é desapaixonada, muito engraçada e tremendamente ágil. É impressionante como algo escrito há tanto tempo pode ter continuado tão atual.

Pergunta – Há outra obra machadiana que o senhor conheça?

Allen – Li um outro livro de Machado sobre uma mulher que é suspeita de ter traído seu marido (*Dom Casmurro*). Para mim, aquela é uma história de amor belíssima. Eu não conheço muito da literatura de vocês, até porque não sou um leitor voraz. Li os livros óbvios que todo americano lê na escola e o essencial dos autores russos. Se tivesse que citar uma obra querida, diria *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, que teve um impacto enorme sobre mim, e *Os Irmãos Karamazov* (de Dostoiévski). Mas desse todo mundo gosta.



J M GARCIA, AP, BD – 5/9/2003

Woody Allen teve recentemente lançados no Brasil dois livros, um de crônicas e um de peças

Pergunta – Badala-se muito o nome de Ian McEwan, autor de *Reparação*, como o grande escritor de língua inglesa atual. O senhor o conhece?

Allen – Já ouvi falar muito de McEwan, mas não li seus romances. Eu leio muito sobre política, sobre História americana e biografias. Recentemente, eu li *The Letters of Noel Coward* (com cartas do compositor, dramaturgo e ator de filmes como *Um Golpe à Italiana*), porque gosto muito dele. Também gosto das histórias policiais de Jimmy Breslin (*The Good Rat* e *The Church That Forgot Christ*), um importante jornalista nova-iorquino.

Pergunta – Por que nunca arriscou escrever um romance?

Allen – Eu concluí um romance. Mas, quando terminei, o resultado foi tão catastrófico que decidi nunca publicá-lo. Tenho planos para uma autobiografia. Mas não sei se é o que quero fazer no momento. Ainda tenho filmes para rodar. Tenho que aproveitar meu físico atlético e as pessoas que se interessam em investir em mim para fazê-los. Quando eu não tiver mais meios para filmar, escrevo sobre a minha vida.

Pergunta – Falando em cinema, *O sonho de Cassandra*, uma trama policial com Ewan McGregor e Colin Farrell, é a terceira de suas incursões pela Inglaterra. Antes vieram *Match Point* e *Scoop – O Grande furo*. Que impacto essa experiência britânica teve sobre sua obra?

Allen – Meus filmes sempre se preocuparam com os mesmo temas. Às vezes, eu os abordo com humor. Outras vezes, eles pedem um enfoque dramático. Londres, por suas características, é um convite a um olhar mais sério. Acabei de terminar um longa na Espanha (*Vicky Cristina Barcelona*), com Javier Bardem, que é muito romântico. Na semana que vem, inicio uma nova comédia.

Pergunta – Filmada na Espanha?

Allen – Não. Será uma comédia nova-iorquina, no estilo de várias que fiz anteriormente. É uma comédia sobre pessoas que se cruzam por questões afetivas.

Pergunta – Há uma polêmica na internet em torno de *Vicky Cristina Barcelona*. Suas primeiras imagens sugerem sexo entre Penélope Cruz e Scarlett Johansson. Nos EUA, comenta-se que o filme é carregado no lesbianismo. É exagero ou fato?

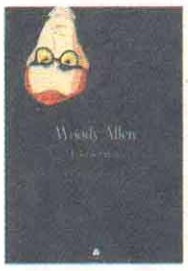
Allen – Esse foi um exagero selvagem da imprensa. As cenas de sexo desse filme não chegam a um minuto. Alguém viu um trailer do filme e exagerou nos boatos.

Pergunta – Comenta-se que a comédia americana está em crise criativa. Algum diretor do gênero o surpreendeu recentemente?

Allen – Alexander Payne (de *Sideways*) é um grande diretor. Seus filmes são engraçados. Também gosto de Christopher Guest (de *Por Trás das Câmeras*). Mas a maioria das comédias americanas hoje é escatológica ou burra.

Allen nas Livrarias

Todos os livros em prosa do diretor têm edições recentes



FORA DE ÓRBITA

Coletânea mais recente de textos em prosa de Woody Allen, representa seu retorno ao estilo de crônica humorística que o cineasta já havia produzido em uma trilogia de livros anteriores. São textos que exploram o nonsense e um humor intelectualizado de referências. Esquetes e paródias de gêneros consagrados da literatura e mesmo de situações retratadas no cinema. Lançada aqui no fim do ano passado. Agir, 216 páginas. Tradução de Rubens Figueiredo.

CUCA FUNDIDA

Reunião de algumas das primeiras incursões de Allen pela prosa humorística, com contos publicados na prestigiada revista americana Esquire. Muitos deles contemporâneos ou até anteriores aos seus primeiros sucessos no cinema. Mostram um Woody Allen ágil e sarcástico, como em *Os Róis de Metterling*, no qual a obra de um filósofo e escritor é dissecada pelas suas listas de lavanderia. L&PM, 154 páginas. Tradução de Ruy Castro.



ADULTÉRIOS

Outro livro de Woody Allen que veio a público no fim de 2007, reúne três roteiros de peças escritas pelo autor tendo como elemento comum a traição, vista pelo viés anárquico de Allen. As situações se avolumam e se transformam, e o que começa com um diálogo entre dois estranhos à beira do Hudson, em Nova York, vira uma delirante história de chantagem e conspiração alienígena. L&PM, 200 páginas. Tradução de Cássia Zanon.

QUE LOUCURA!

Outras coletânea de histórias cômicas de Allen, reunidas em um de seus volumes com maior sucesso de público aqui no Brasil. Além desse volume e de *Cuca Fundida*, também saiu por aqui *Sem Plumas*, outra antologia de seus textos curtos – todas disponíveis em formato pocket em edições recentes. Novamente o diálogo de referências é um dos principais elementos da obra, da literatura à filosofia, do cinema à psicanálise. L&PM, 174 páginas. Tradução de Ruy Castro.